

Illustração PORTUGUEZA

DIRECTOR:
CARLOS MALHEIRO DIAS
DIRECTOR ARTISTICO:
FRANCISCO TEIXEIRA

PROPRIEDADE DE
J. J. DA SILVA GRACA

Redacção, Admini-
tração e Officina de
Composição e Im-
pressão

Rua Formosa, 42-415807



A GRANDE DANÇARINA RITA SACCHETTO



Meio século de successo **ESTOMAGO**

O Elixir do Dr Mialhe

de peçaina concentrada faz digerir tudo rapidamente.
GASTRALGIAS, DYSPEPSIAS.

A venda em todas as Pharmacias de Portugal et do Brazil
Pharmacie MIALHE, 8, rue Favart, Paris

Assignatura da "Ilustração Portuguesa" para Portugal, colonias e Hespanha

Por anno	48000 réis
• semestre	24000 "•
• trimestre	16000 "•

Assignatura co-juncta do «Século», «Supplemento Humorístico do Século» e da «Ilustração Portuguesa»

Portugal, colonias e Hespanha

Por anno	80000 réis
• semestre	40000 "•
• trimestre	26000 "•
mez (em Lisboa)	700 "•

AGENCIA DE VIAGENS



R. Bella da Rainha, 8-Lisboa

ERNST GEORGE

SUCCESSORES

Venda de bilhetes de passagem em vapores e caminhos de ferro para todas as partes do mundo sem augmento nos preços. Viagens circulatorias a preços reduzidos na França, Italia, Suissa, Allemanha, Austria, etc.

Viagens ao Egypto e no Nilo
Viagens de recreio no Mediterraneo e ao Cabo Norte

Cheques de viagem, substituindo vantajosamente as cartas de credito.
Cheques para hotels.

VIAGENS BARATISSIMAS Á TERRA SANTA

Madame

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e physiognomista da Europa

Brouillard



DIZ o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez: é in-comparavel em vastissimos. Pelo estudo que fez das sciencias, chromancias, chronologia e physiologia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambröze, d'Arpenilgney, Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta cathgoria, a quem prediz-se a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete:

43, RUA DO CARMO, 43, sobre-loja — LISBOA
Consultas a 1.000 rs., 2.500 rs. e 5.000 rs.

J. CASTELLO BRANCO

Bicycletas



Marca inglesa, as mais solidas e elegantes desde 22500 réis. Bicycletas Simplex, Humber, B. S. A. ultimos modelos. Bicycletas inglesas Radford, modelo especialmente feito para a

nossa casa, muito solidas, propria para aluguel, com quadro reforçado, aros nickelados, rota livre, guarda-lamas e 2 travões, preço 32500 réis. Enorme sortimento de accessorios, taes como: protectores Continental, Dunlop, Coventry; camaras d'ar, businas, lanternas, rodas livres, etc., tudo a preços baratissimos. Grande deposito das melhores machinas falantes e discos Simplex dos quaes acabamos de receber lindissimas colleções. CASA SIMPLEX. Bicycletas, discos e machinas falantes.

Rua do Soccorro, 48
Rua de Santo Antão, 32 e 34

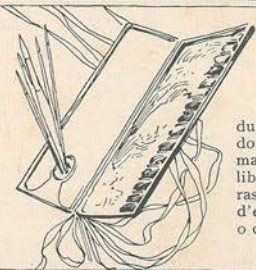
LISBOA

EM CASA DE ROQUE GAMEIRO

OS NOSSOS ARTISTAS • VIDA
ARDUA E LUCTA DIFFICIL

A vida artistica portugueza, mercê das restricções do meio, em raros casos reserva para os seus cultores mais triumphaes fonte de independencia activa com que consigam tornar bella a existencia, pondo-lhes ao alcance da mão as realisações praticas de ideal que nas almas dos eleitos estremece.

Na sua grande maioria, entre nós, o escriptor e o pintor resumem para as exigencias da sua profissão a lucta em obter mansarda ou atelier onde se refugiem nas horas de elaboração poetica, longe da agitação ruidosa e ardente dos grandes centros, para que as idealisa-



ções germinem e fructifiquem na venturosa paz dos sonhos satisfeitos. Mas a vida é ardua e a conquista difficil, d'onde a produção resente-se do estado de espirito dominante que a tem escravizada aos martyrios do dia a dia, sem que o artista liberte-se possa, para o vôo amplo e rasgado, da grilheta que o prende e d'essa verdadeira camisa de forças que o cinge. Por isso tambem a toda a obra

d'arte em Portugal, salvo poucas excepções, faltar harmonia e unidade, accentuar desfallecimentos, tedio e azedume, porquanto, durante os annos melhores da vida, a energia moral nos desfallece n'uma productividade inverosimil, conseguindo alfin, quando o trabalho de technica é já per-



A hora do trabalho

feito, estacar na doida carreira por mingoaem esperanças, ou por se topar inerte o fundo de belleza emocional e idealógica que se não poude galvanisar nos dolorosos momentos de incerteza, de desespero e de co-lera.

A PAIZAGEM  RECANTO
D'ARTE  CASA DE
UM AGUAPELLISTA

As rapidas linhas que atraz ficam foram-nos suggeridas quando de uma occasional visita, ha dias, a Roque Gameiro. O aguarellista illustre que elle é, vive n'uma eminencia, o Alto da Venteira, a cinco minutos, se tanto, da estação da Porcalhota. No ponto mais elevado do cerro, quasi em nivel com o leito da linha ferrea, e escarpado para as bandas que defrontam com Queluz e Ajuda, está a casa de Gameiro. Da estação até lá, a estrada, por este mez de maio florido, pouco offerece de captivante



aos nossos olhos citadinos, pois que, na sua maioria, as construcções que a marginam cousa alguma exprimem de interessante ou de attrahente. A propria paizagem é arida, sem arvores quasi, sendo este o aspecto typico da região saloia que atravessámos. Apenas, lá longe, a estrada para Queluz é orlada de algumas oliveiras, troncos tão distanciados e pobres de folhagem que, já nas primeiras horas da manhã primaveril, o sol



1—Aspecto da casa do aguarellista (voltada ao porto)
2—GAMEIRO NO «ATELIER» (ao fundo vê-se o pastel de Ramalho)



«MARGARIDA VAE À PONTE»
A canção popular como motivo pictural



se o surpreendermos de uma das janellas do alto torreão da casa de Roque Gameiro: —Que-luz até Cacem e Rio de Moura...

Para se entrar na vivenda do artista urge galgar uma cancella, atravessar uma alea que primeiras, verdejantes folhas de parra ensombram, e eis-nos no jardim. Mais meia duzia de passos e estamos em casa de Roque Gameiro, cuja fachada e interior é toda ella no estylo tradicional portuguez,

com sua modesta escadaria de accesso e pequeno alpendre typico.

Toda a construcção, que tem dez annos, se deve a Gameiro, que a planeou, estudou e desenhou nos seus minimos pormenores, presidindo, impaciente e ancioso, a todos os trabalhos até final. O seu sonho realisou-se. Conseguiu até, n'aquelle arrabalde onde as arvores não crescem, quasi que uma frondosa matta, trans-

dardeja sobre quem se atreva á digressão. No entanto, a linha extrema do horizonte onde se ergue a serra de Cintra, offerece a quem vive na cidade e d'olhos pouco afeitos a largas extensões panorâmicas, impressões de grande scenario que os morosos occasos de luz por este periodo do anno enchem de varios tons, dando gradualmente mutações imprevisitas de magica.

Mas o panorama como que esplende



1.—Outro aspecto da casa
2.—Na sala de jantar: A' lareira

ferindo, assim, uma das vertentes do cerra-
em que a vivenda assenta,
n'um terraplano que dir-se-
hia, pela nota excepcional
e adusta que proclama, ter
sido trazido d'outra região,
maravilhosa e fecunda, pa-
ra aquella aridez desola-
dora.

Como dizemos, a con-
strução tem dez annos, e
durante este tempo até ago-
ra, Roque Gameiro, dando
por vezes férias aos seus
trabalhos de aquarellista
exímio, ell-o percorrendo as
nossas provincias, em bus-
ca de todos os elementos
regionaes, característicos,
motivos ornamentaes e mo-
biliario para completar o seu «interior», que é
a verdadeira moradia de um artista pelo que
exprime de simplicidade quasi rustica e de alegria
suave.

A sala de jantar está completa. Orla as pa-
redes um roda-pé de azulejo, lindo de côr
própria e exacta, da fabrica das Caldas, de
Raphael Bordallo Pinheiro, terminando por
um rendilhado estylisado, de espigas de milho.
Perto do tecto estende-se um friso, de azulejo
tambem, em que se lêem aforismos, con-
ceitos syntheticos de que a anonyma alma po-
pular fez lemmas moraes e que é d'uso deri-
var-se para a «sabedoria das nações».

A lareira, larga e ampla, diz a felicidade
dos dias tristes de inverno, quando a lenha
crepita, dando-nos pois a illusão de que não
estamos a alguns minutos de Lis-



boa, mas a cem legoas
da capital. Mas, ao
percorrer a deliciosa vivenda, esta
impressão de belleza rustica e artis-
tica repete-se, quer quando entramos
nos diferentes aposentos, nos quartos
de dormir e de costura, quer até quando
descemos ao *atelier*. As camas, as com-
modas, as arcas, os aparadores, as mezas,
as candeias de azeite, de tres bicos, tudo
remonta ao seculo XVIII e tem seu inilludi-
vel cunho d'arte popular, tão pittoresco e
accentuadamente portuguez que refere, ni-
tidamente, o caracter, predilecções e feli-
cidade de quem lá vive.

Por uma escada de corrimão de madeira, des-
cemos depois ao *atelier* de
Roque Gameiro, no pavimen-
to inferior. A mesma
estylisação, o mesmo chão
pintado, o mesmo traveja-
mento no tecto predomi-
nam. E' ali que o artista
produz, porque Gameiro
trabalha sem descanso quasi,
explicando-se assim a
prodigiosa quantidade
de manchas, de esboços
de estudos que o seu
pincel exímio e dextro
exalta triumphal-
mente. As agua-
rellas, algumas ain-
da por acabar, en-
chem o *atelier*. E
Gameiro elucida-nos:

—São paizagens re-
centemente começadas.
Esta — e mostra-nos
uma mancha de colo-
rido vivo e transpa-
rencia, representan-



1—Um trecho do jardim
2—A familia do pintor

(Clichés BENOLIEL)

do um recanto de herdade com águas correndo entre hervações e seixos — principiei-a hoje.

— E a que horas partiu para o campo?

— A's cinco da manhã. A's 9, 10 horas, quando regresso a casa, trago os meus cartões cheios, sempre, de apontamentos.

A colaboração do artista em publicações ilustradas é também incessante, de fórma que Roque Gameiro se vê rodeado de gravuras e de velhos desenhos, e outros documentos com que estuda os assumptos, como aquelles preciosos trabalhos que são maravilhas de cor e de paciente reconstrução de épocas extinctas, em que se fixam typos e costumes portuguezes dos fins do século XVIII e principios do seguinte, dando-nos scenas de evocadora realidade, como se certos perfis e velhos habitos, sepultos já, renascessem sob o poder magico do pincel do illustre artista.

Pelas paredes, além do pastel, de Ramalho, que é um flagrante retrato de Gameiro, vêem-se outras aguarellas, destacados estudos e figuras episódicas que entraram em anteriores trabalhos de composição. E, como estamos no campo e em casa de um artista, impossível nos foi fugir á fascinação da luz que lhe inundava a sala, entrando por trez janelas de rotula, e das molhadas de flores dispersas em jarrões por toda a parte.

Mas, para darmos



Aguarellas de Roque Gameiro:
POVEIROS. Typos da beira-mar
A REGATEIRA (Século XVIII)

á nossa impressão um cunho mais accentuado, necessario será referir o perfil de Gameiro na intimidade: — afavel e acolhedor, de cabello revoltado e barba ruiva, trajando, como esse outro pintor francez, seu camarada, Henri Martin, sob o casaco uma camisola de marinheiro, forte e agil, vivendo a vida em largos haustos, mas pagando-lhes em belleza a felicidade que ella lhes traz. Foi assim que o surpreendemos n'aquella recente manhã da nossa visita, por este mez florido de maio, a esse artista cuja arte reflecte, na fina transparencia das côres, na limpidez serena dos céos das suas paisagens, na ternura dos assumptos predilectos, quer nos motivos e commentarios de paz bucolica, e na ingenua graça das suas aldeas, como na frescura das correntes placidas que inundam os seus esboços, a paz serena, a paz abençoada do seu lar, entre a arte que nos prodigalisa a belleza e o sorriso juvenil e ardente das creanças, a quem se deve tambem essa outra belleza moral, mais triumphante e mais enternecedora ainda.

Roque Gameiro para ser comprehendido tem que ser estudado não, apenas, atravez a sua galeria de quadros n'uma fria sala de exposição, mas na intimidade, na familia, por que esse ambiente perfumado e cheio de sorrisos, que lhe enche o coração de ternura, é o mysterioso *sujet* que em todas as suas telas estremece.

SANTOS TAVARES.

NO SALÃO DA "ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA"



Saia literário e musical realizado na noite de 27 de maio em proleito do fundo destinado às tres escolas de Benavente, Salvaterra e Samora

Algumas senhoras da comissão e alguns dos artistas e amadores que tomaram parte na festa

Da direita para a esquerda, sentadas: M.^{me} Beatriz Silva, D. Modesta Ferreira, D. Luiza d'Abreu e Souza, M.^{me} Sarti, D. Leonor Silva, D. Luthgarda de Calres, D. Guilhermina Osorio, Miss Hilda King, D. Africa Calunrio. Segundo plano da direita para a esquerda: os srs. Arnoldo Silva, Manuel Silva, maestro Codivilla, D. Luiz Quesada, Alfonso de Sousa, maestro Sarti, Ascenso de Siqueira Freire (S. Martinho).

(Cliché de BENOLIEL)

Artes e letras

O POETA MISTRAL



A APOTHEOSE DE MISTRAL

(RECITADA EM PARIS NA FESTA PROVENÇAL PORTUGUEZA)

Provence toda em flôr! luminoso Meio Dia!
Terras cheias de sol, repletas de perfumes,
Romântico paiz de languidos queixumes,
Mystica região de sonhos e poesia

Cercas de rosas d'ouro o Poeta: N'este dia
Não ha gritos de dor e amargos azedumes;
Cobre-se o amplo azul de scintillantes lumes
E vibra a terra inteira em ondas de harmonia.

Ultimo trovador do Meio-Dia florido,
Derradeiro cantor do Sul enternecido:
Saudam-te os irmãos do nosso Portugal.

A alma de Mireille illumina teus cantos,
Ha nos teus versos luz, trinos d'aves e prantos.
A tua musa é santa oh! divino Mistral!

Paris—Maio—1909.

XAVIER DE CARVALHO.



1—O grupo de artistas da Provença na festa provençal portuguesa realisada em Paris no dia 16 de maio

2—Frédéric Mistral

3—Um canto do atelier de Sousa Lopes durante a conferencia sobre Mistral

A HISTORIA DAS COUSAS FRIVOLAS.



O PENTEADO

O cabelo foi sempre considerado um dos mais graciosos ornamentos femininos.

Na forma de collocar os cabelos aureolando o rosto ou divididos em bandós, agrupados no alto da cabeça ou descidos sobre a nuca, levantados de sobre a fronte ou descachidos n'uma madeixa, se resume a suprema arte da mulher.

Não é nossa intenção, seguramente, fazer aqui em dois traços apenas a historia evolutiva d'essa arte, cuja data de origem seria mesmo difficil determinar.

Parece comtudo que foram os assyrios e os egypcios os primeiros povos que se occuparam do penteado, arte que Homero e Anacreonte consideravam até como um importante correctivo da natureza, como um embelezamento indispensavel.

Os povos da antiguidade tratavam o cabelo com especiaes cuidados, não só por uma questão de esthetica para com um tão bello ornamento natural, mas também pelo lado scientifico do assumpto, considerando-o necessario á hygiene dos diversos órgãos da cabeça.

Não admira, pois, que o uso da peruca se encontrasse já entre os chaldeus, os assyrios, os egypcios e os hebreus.

Parece mesmo que o proprio Jeremias e as velhas elegantes de Sião occultavam debaixo da peruca os grandes ultrajes do tempo.

O que não offerece duvidas é que os gregos e os romanos se envergonhavam da calvicie que disfarçavam

sempre pelo artificio, quando já a não podiam combater pelos meios naturaes.

Domiciano, completamente calvo, é representado nas medalhas romanas com uma cabelleira artisticamente frisada.

Galba e Othão usavam do mesmo artificio, e a propria Messalina e outras coquettes do seu tempo usaram cabelleiras loiras, decretadas pela moda.

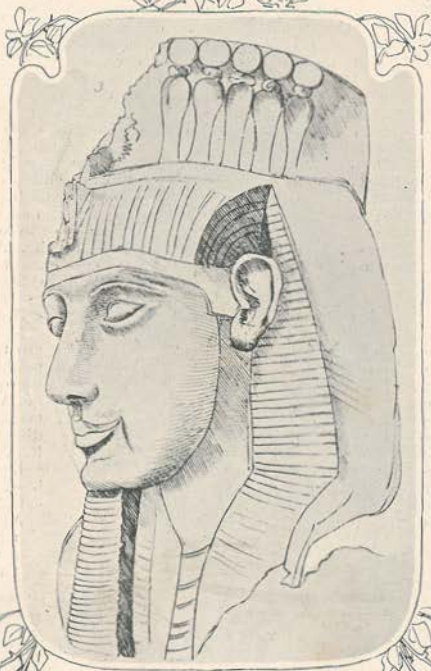
Comtudo, esta moda, que mereceu as satyras de Juvenal e de outros escriptores latinos, tão combatida, anathematizada e fulminada pelo imperador Justiniano II, que chegou a convocar um synodo em Constantinopla, por Clemente da Alexandria, por Tertuliano, Cypriano e muitos outros doutores da Igreja, triumphou sempre de todas as perseguições.

Mas essas perucas que na antiguidade foram especialmente usadas pelos artistas nos theatros, pelas corteças e pelas pessoas calvas — no seculo XVI passaram a ser indistinctamente usadas por toda a gente, assentando tão bem na cabeça altiva do palatino ambicioso como nas innocentes cabecitas infantis.

De Paris, esta moda passou aos estados vizinhos, generalizando-se rapidamente por quasi toda a Europa.

Ao começo d'este contágio, assistiu o reinado de Luiz XI, assumindo a moda proporções verdadeiramente assombrosas no reinado de Luiz XIV.

As perucas eram então de umas dimensões



Os primeiros penteados: Uma cabeça egypcia



Os penteados gregos.
A cabeça
do centro é de Athena,
encontrada
na Acropole, e represen-
ta um dos mais
característicos penteados
archaicos.

A do lado direito
é reprodução de outro
penteados egypcio

espantosas, as-
sustadoras, e
tinham a desi-

gnação especial de *binettes*, sendo o cabel-
leiro Binette celebre na arte de as fabri-
car.

Conta-se que o rei nem mesmo diante do
seu creado de quarto tirava a *binette*, uma
verdadeira *perruque à effet, saisissante* —
recedendo que sem ella parecesse
menos majestosa a sua figura.

DAS CABELLEIRAS LOURAS ÀS CABEL-
LEIRAS NEGRAS. O FER-
RO DE FRIZAR. OS CA-
BELLOS E OS CREDORES

Os persas frisavam escrupulosa-
mente o cabelo e a barba; as mu-
lheres da Lydia e da Ionia
entrelaçavam os cabelos
com fios de ouro e fitas de
púrpura.

Péricles e Alcibiades não
apareciam em publico se-
não com os cabelos caídos
em perfumados cachos, e
sabe-se que os trezentos es-
partanos nas Thermopylas
se pentearam e coroaram de
flores antes do famoso com-
bate onde deviam encontrar
a morte.

Aspasia, Cleopatra, Lais
e outras mulheres celebres
nos annaes da belleza
eram notadas pelos lindos

cabellos que
tinham e pela
arte com que

os penteavam e pintavam, dando-lhes a côr
da moda, constellando-os de pedras pre-
ciosas, enfeitando-os com bandas de pur-
pura, com filigranas de ouro e prata e
com flores naturaes e artificiaes.

Para os banquetes os homens coroa-
vam-se sempre de flores.

Entre os antigos egypcios, os
cabellos ruivos eram considera-
dos os mais bellos. Os gregos
dos tempos heroicos prefe-
riam os loiros.

Baccho, Apollo, Achilles e Nar-
ciso eram tão notados pelas suas
lindas cabeças doiradas como entre
as mulheres Polyxena, Leda
e Bacchis.

Mais tarde, o cabelo ne-
gro teve então a preferencia,
e como tinham a côr do eba-
no os cabellos de Lais, Phry-
né, Aspasia e Thais, os artis-
tas consideravam esta côr in-
dispensavel à perfeição da be-
leza.

Em Roma predominou tam-
bem, durante algum tempo, o
cabello loiro e depois o ruivo.

As romanas, para se aloira-
rem, usavam um sabonete
gaulez, e os romanos pre-
tenciosos pintavam-se tam-



Medalha
de
Domiciano



Baccho e Ariana

bem. O imperador Commodo, polvilhava a cabeça com um pó de ouro tão rutilante que feria a vista.

Este loiro rutilante generalisou-se então por toda a Italia, principalmente entre os venezianos.

Os grandes pintores da Renascença doiravam em todos os tons os cabelos das suas virgens e dos seus anjos.

De Veneza a moda passou á França ahi pelo seculo XV, fazendo um verdadeiro furor.

Mas voltemos antes atraz, seguindo um pouco de perto a curiosa evolução do penteado.

Emquanto os gregos no seu fervoroso culto pela belleza e pela esthetica creavam em Athenas uma escola onde sob a inspiração dos grandes mestres athenienses, as formosas *Pescas* se exercitavam na complicada arte do penteado; enquanto as pode-

rosas romanas, copian-do as modas da Grecia, se davam o luxo de mandar vir essas gentis e pacientes cabelleiras que mereceram a compaixão de Juvenal, pela crueldade com que á minima impericia as suas possuidoras as puniam, enterrando-lhes nos braços e no peito os prégos de ouro com que adornavam a cabeça — a gauleza, no estado primitivo ainda, usava com uma natural graciosidade os lindos e loiros cabelos completamente soltos.

As mais prescientes, comtudo, traziam já uns bandós que prendiam sobre a nuca com umas grandes agulhas usadas nos grosseiros trabalhos de costura.

Foram estas agulhas, segundo parece, o gancho ou prego rudimentar.

No entanto as cohortes de Julio Cesar, atravessando os Alpes, trazem á Gallia deslumbrada as primeiras noções da arte e do luxo.

A gauleza começa então a usar os cabelos em tranças soltas ou n'uma só trança enrolada, rematando no alto da cabeça com um martinete do proprio cabelo frisado, ou ainda divididos ao meio, repuxados e presos atraz, com uns ligeiros caracoes cahidos sobre os olhos. O ferro de frizar é importado da Grecia para a Gallia e usado

pelos francos depois da invasão romana. Do seculo III ao seculo V a evolução do penteado estaciona.

Primeiramente, os francos puxavam os cabelos para o alto da cabeça fixando-os ahi por meio de nós, e só no começo do seculo V este costume foi substituido pelo uso dos cabelos baixos, cahidos para os olhos para a cara e para as costas. A fim de inspirarem maior terror ao inimigo, polvilharam durante muito tempo o cabelo com



Cleopatra



O penteado e a toilette de uma romana

um pó vermelho ardente.

Os cabelos compridos eram um signal de grande distincção, que nem todos, é claro, podiam trazer. Um juramento sobre elles era sagrado.

Quando não se podia pagar uma divida a um crédor, fazia-se-lhe o sacrificio da cabellcira, o que equivalia á perda da liberdade individual.

Julio Cesar, vencendo os gaulezes, obriga-os a cortarem os cabelos, mas os francos readquirem depois varias provincias da Gallia e Clodio ordena o uso dos cabelos compridos, ficando assim differença da *Gallia comata* da *Gallia braccata* sob o dominio dos romanos.

No tempo de Clovis, porém, foram privilegio apenas da familia real e dos altos dignitarios e

ficou então sendo costume cortar-os completamente mesmo aos vencidos de regia estirpe, aos principes de sangue que renunciavam ás suas pretenções, e a todos aquelles que por qualquer motivo tinham de ser punidos.

UM REI CALVO E A LISONJA
OS «BOUFFANTS» E AS JOIAS
NO SEculo XVI

No fim do seculo VII a moda dos cabellos frisados e em cachos tem-se generalisado por toda a Hespanha. apesar da excommunhão da Igreja, que entende se devem castigar severamente todos os que usam d'este artificio tentador. Do seculo V ao seculo X a simplicidade gauleza tem sido substituida pelo gosto crescente de um luxo requintado.

A côrte de Carlos Magno mostra nos a mulher em todo o dominador prestigio da arte e da belleza. As formosas filhas do grande imperador penteiam-se á byzantina, o cabello com bandós cahindo atraz solto ou em tranças sobre as magnificas tunicas sobrepostas, recamadas de placas de ouro e pedras preciosas.

Mas eis que chega Carlos o Calvo e os cabellos já muito curtos nos homens, talhados em redondo desde Luiz Débonnaire, são ainda immolados.

Os cortezaes, querendo lisongear o rei, pouco favorecido n'este sentido, rapam a nuca e depois a fronte, ficando por fim com um tufo apenas no alto da cabeça.

Então appareceram uns *bonnets* de pelles que se espalharam por toda a França.

No decorrer da Edade Media, a mulher, —que primeiro vêmos apparecer com a sua fina silhueta hieratica, vestida e penteada castamente á byzantina, enclausurada entre as paredes sombrias e romanticas dos seus castellos feudaes, coroando de flores os vencedores nos torneios— perde finalmente a linha severa para surgir estonteadora no luxo orien-



trazer a testa toda descoberta, o cabelo fortemente apertado, enrolado em volta dos *réseaus d'or*.

Sob a influencia artistica da Italia, a Renascença vem embelezar os fins d'este seculo.

Leonor de Castella exalta a moda hespanhola.

Margarida de Valois e Margarida d'Anjou adoptam os bandós em forma de coração a *Maria Stuart*.

tal dos seus vestidos dourados, recamados de perolas e diamantes, o penteado faiscante de pedras preciosas, enquadrando o rosto n'uma especie de bandós tufados e enrolados sobre as orelhas.

No começo do seculo XIV, estes *bouffants* são completamente cobertos de pedrarias e tomam as mais exaggeradas formas, sendo necessario encher-os por dentro com uma especie de rolos chamados *atours*.

Tomando o sceptro da moda das mãos da perfida e formosa Izabel da Baviera, que escarnece a loucura do infortunado Carlos VI, vestida de *folie*, com o celebre *hennin* que lembra o turbante pontegado das persas—a lindíssima Ignez Sorel, exhibindo as compridas caudas dos seus vestidos de rasgados decotes, usa graciosamente os mais exaggerados *atours*.

Os homens adoptam então um curioso penteado, que foi ephemero e que consistia apenas em uma comprida mecha de cabelos levantada na frente, quasi perpendicularmente.

A moda devia decretar-lhes agora este penteado, para se não rirem dos nossos *bichons*, dos nossos *bouffants* e dos nossos chapéus enterados pela cabeça abaixo...

Chega o seculo XV e a belleza passa a consistir em

O PENTEADO Á TOSCANA A RAINHA MARGOT A REGENCIA E OS CABELLOS

Diana de Poitiers traz os opulentos cabelos em uma preciosa coifa bordada — e Catharina de Medicis o penteado á *toscana* com a sua especie de *calotte*, feita em geral de velludo vermelho, com um encanastrado de fios de ouro e uma cercadura de diamantes e outras pedras preciosas.

Este é o penteado usado tambem pela Julietta da tragedia de Shakspeare.

Com a sua graciôsa cabeça toda em aneis, destaca-se originalmente a rainha Margot. Os frisados estão em voga e o pó dourado reaparece applicado n'uma especie de goma, empastando os cabelos em lugar de os polvilhar finamente.

Henrique III adopta as modas venezianas; homens e mulheres penteiam-se da mesma forma. O cabelo usa-se em canudos e rolos chamados *bichons*, dando-se o nome de *bichonées* ás pessoas muito cuidadas no penteado.

Depois da Reforma e da Liga, veem então os cabelos lisos e os bandós achatados.

Maria de Medicis traz á côrte de Henrique IV o penteado á *china*, formando um cone de cabelos encrespados, torcidos em espiral e



1—Um combate de francos; a segunda moda dos cabellos, que começa no seculo V
2—O grande imperador Carlos Magno



salpicados de um pó chamado *griserie*.

A formosa Anna d'Austria vem embelezar a corte do sombrio Luiz XIII, com a moda dos cabelos perfumados, em pequenos cachos redondos dispostos de infinitas maneiras.

A peruca perde ainda o seu prestigio ante este penteado *à la garçette*, que se faz apenas com uns ligeiros postigos.

Os cabeleiros apparecem com mais exito que no seculo XV e o grande mestre Champagne dá começo a uma era galante de penteados espantosos.

Não deve ser difficil pentear a duqueza de Montbazon, a Ninon de Lenclos, Anna de Gonzaga ou a



1—A Lavallière n'uma gravura da epoca



2—Maria Stuart, rainha da Escocia. 3—Madame de Maintenon com o penteado Fontanges

Marion Delorme, mas o penteado n'esta epoca não precisa de assentar n'uma *professional beauty*. O cabello em delicados anneis cahidos aos lados da cara e sobre os hombros favorece quasi todos os rostos.

No reinado de Luiz XIV, os tufos *à la Mancini*, apesar da novidade, passam rapidamente de moda.

O pó reaparece timidamente.

O rei desposa a infanta hespanhola Maria Thereza e tem a maior das decepções, vendo-a chegar com uma ridicula peruca cheia de lachinhos.

Na corte do voluvel *Roi-Soleil*

leil, os penteados variam infinitamente.

A' moda *à la paysanne* adoptada pela duqueza de Nevers, pela Montespan e depois pela rainha, succede a *hurluberlu*, usada pela La Vallière.

As cabeças são empoadas com farinha de fava, dita por ironia—pó de Chypre.

Em 1680 fez furor o penteado *à la Fontanges*, constellado e preso pelos preciosos fir-



maments. Esta moda tem a sua origem no seguinte episodio:

N'uma caçada real em Fontainebleu, o vento desmanchou o penteado da formosissima duqueza de Fontanges.

Com o seu ar mais ingenuo, a duqueza tirou uma liga e prendeu os

rôlos dos lados.

O gentil-homem traz o *catogan* ou o rabicho preso com um laço.

E' de um curioso efeito o contraste dos bigodes negros com as cabeças completamente brancas por nuvens espessas de pó de amido perfumado.

Em 1760 o penteado á



1—Maria Antonietta
2—Madame Tallien
3—A imperatriz Eugénia

cabellos graciosamente.

A mulher não usa a peruca, mas faz edi-

gíera faz a sua aparição timidamente, mas tem de recuar ante a moda imposta por Legros.

O penteado alteia-se, alarga-se, complica-se e vae attingir em 1772 as maiores proporções a que ainda chegou.

ficar os seus gigantescos penteados com os proprios cabellos.

Os cortezaos, altos funcionarios, medicos, professores, homens de letras, usam todos, com a maior solemnidade, uma luzidia *binelle* appropriada á sua posição social.

A duqueza de Vendôme, mademoiselle de Enghien e a duqueza de Maine, abrilhantam o fim d'este reinado, simplesmente penteadas com uns ligeiros rolos no alto da cabeça e o resto do cabelo em dois cachos cahidos atraz.

Sob a influencia artistica de Watteau, Mignard e Lebrun, os penteados monumentaes desaparecem, dando logar a novas e bellas creações.

Os penteados altos, suprimidos por ordem do rei em 1714, reaparecem mais exaggerados no reinado seguinte.

O pó tem-se generalisado por toda a Europa.

Das cabeças empoadas e perfumadas desprendem-se os effluvios da violeta e da bergamota.

O penteado, baixo durante os quinze annos da regencia, vae passar pelas mais extraordinarias e rapidas transformações.

A corte alegre e corrupta de Luiz XV inspira-se nos meios dissolutos, copia as modas dos comediantes e mostra-se por fim acrobaticamente penteada á *la culbute*!

Esta moda declina no simples *catogan*, que nós chamamos *castanhã* e que podemos vêr n'alguns retratos da piedosa rainha Maria Leckzinska.

As princezas irmãs do rei também usam o *catogan* com uns

A CABEÇA DE MARIA ANTONIETTA A TOSQUIA REVOLUCIONARIA NO SEGUNDO IMPERIO

Com Luiz XVI voltam, os postichos, os frisados, os crescentes, as perucas de todos os feitios. O pó branco usa-se sempre e também o avermelhado e a *griserie*.

A rainha Maria Antonietta gosta dos penteados extravagantes, exaggeradissimos.

Os nomes de alguns d'elles como *Loge d'Opéra*, *quès-aco monte-au-ciel*, *chien-fou*, *poule-mouillée*, *chasseur dans un taillis*, *parterre galant*, *pous au sentiment*, dão-nos uma idéa bem suggestiva d'essas ridiculas cabeças enfarinhadas, emplumadas e empennachadas.

Um escriptor d'esta época dizia que a rainha inventára um penteado de uma altura fabulosa, representando collinas, pomares esmaltados, regatos crystallinos, torrentes espumantes, jardins symetricos e parques inglezes!

Em 1678 esta moda produziu na opera uma indignação semelhante á que os chapéus ultimamente tem produzido nos nossos theatros com muito menos razão.

Mas eis que em 1780 a rainha, depois de uma doença, perde o cabelo e faz a moda do penteado á *infante*.

Em seguida inventa ainda o *tapé*, muito vaporoso e fino, aureolando a fronte e rematando atraz n'uma *torsade*.





Luiz XVI e os seus cortesãos trazem os cabelos torcidos em rabicho, ou enrolados e mettidos em uma bolsa de *taffetas* preto, e o topete levantado com tres ou quatro rolos dos lados.

Com a Revolução os cabelos voltam á sua côr natural.

As revolucionarias penteiam-se á *republicana*, cortando o cabelo em quadradinhos na frente e deixando-o cair encanudado atraz.

O Directorio traz-nos a Tallien com as suas variadas cabelleiras louras, as Maravilhosas com as madeixas de cabelo á doida, cahidas pela cara abaixo, e os penteados á *selvagem* e á *Caracalla* das Incriveis.

A Revolução, com as agitações que acompanham o fim do penultimo seculo, n'uma brusca transição, faz surgir o cabelo cortado á *Tito* e a tunica grega, a par da peruca empoadada e do vestido com *paniers* da grande dama *ancien régime*.

O Directorio e o Consulado inspiram-se nas modas da antiga Grecia.

Em 1811 a mulher arrepende-se de ter cortado o cabelo, e a moda aco-



de com as *cache-folies*, seguindo-se depois, com pouco agrado, o penteado á *chinez*. Na luxuosa côrte de Napoleão é adoptado o penteado á *Ninon*. Com a Restauração a moda também não favorece. Os bandós á *inglesa*, terminados em tufo encanudados, cahidos dos lados da cara, raramente ficam bem.

Apparece ainda o penteado á *Diana* — e em 1827 o penteado á *girafa*, muito pouco artistico.

A côrte simples e austera de Luiz Philippe põe em tudo a nota burgueza.

Traz como novidade a ondulação, mas a bandolina alisa os bandós e não quer ceder os seus direitos.

Eugenia de Montijo é penteada á *imperatriz* com o cabelo cahido atraz, encanudado em *cache-peigne*.

São moda também os bandós soprados, ondeados e os penteados á *rusa* e á *Traviata*, bem como o louro gaulez das Valois e das Maravilhosas, um pouco arruivado, por cortezia para com a imperatriz, que tem o cabelo d'esta côr.

Voltam novamente os penteados



1—A Republica de 1792, segundo uma gravura de Clément
2—As côrtes de amor, nas quaes os beijos e as caricias facilmente desmanchavam os penteados

à Diana, a grega, em casco, a florentina e o celebre penteado 1830, que dá á physionomia uma expressão infantil com os seus graciosos bandós frisados e enfolados sobre as orelhas, rematando no alto da cabeça com uma grande laçada esguia.

A par dos bandós á inglesa, já usados pela Malibran na Restauração — e depois no periodo romantico em 1840 — o segundo Imperio traz-nos ainda a moda dos *chignons* mettidos no horrivel *filet-résille*, que as nossas avós chamaram *saccos de café*, coifas ou redes.

Esta aberração do gosto, este esquecimento da graça e da harmonia das linhas, persiste ainda muito tempo depois da influencia imperial e só em 1885 a moda começa a tornar-se mais leve e graciosa, mantendo-se com ligeiras variantes até hoje.

As largas ondulações introduzidas por Marcel são ainda a grande moda em 1906, mas o uso continuado do ferro quente estraga as cabelleiras.

Os postichos estão naturalmente indicados e em 1907 fazem a sua apparição discretamente com os *anglaises de trois bouclettes*, que primeiro rematavam o *chignon*, e que este inverno cobriam completamente fazendo o lindo penteado á Recamier.

O penteado em resplendor, muito tufado e descaído sobre os hombros, usa-se muito, mas apenas fica bem áquellas que teem o cabello naturalmente crespo.

Os actuaes penteados fazem-se com os *bouffants couronne* que se combinam com os cabellos na-

turaes, evitando a estes a tortura do ferro e outros tratos.

Isto para os penteados difficeis e complicados, porque, afinal, a verdadeira arte da mulher está em realizar sem o auxilio de postichos um penteado em harmonia com as linhas do rosto, que lhe faça resaltar a belleza propria, de uma forma inconfundivel, original e simples.

Mas veremos voltar os penteados hieraticos da Edade Media, encanudados das preciosas do seculo XVII — monumentaes do seculo XVIII — ou passaremos á simplicidade primitiva do penteado, apenas envoltas nas vaporosas tunicas do Directorio com que a divina Hamelin se mostrava nos Champs Elysées?

Dado o capricho da moda, tudo póde ser.



Os penteados eram verdadeiros edificios. Os architectos das cabelleiras (Lithographia portugueza)



A rainha Hortense

OS ENFEITES DO CABELO DES-
DE A ANTIGUIDADE A CA-
BEÇAS HISTÓRICAS E PRE-
CIOSAS

Cuidando sempre caprichosamente da forma do penteado, onde, comtudo, a mulher revelou todo o fulgor da sua doida phantasia, foi na arte com que soube inventar ou escolher os enfeites para o cabelo.

As cortezãs gregas ou romanas, as opulentas rainhas da Asia, do Egypto, enfeitavam as cabeças com formosas joias. As jovens romanas e

diam com fitas atraz, debaixo dos cabelos. As mulheres nobres o diadema sobre o véu. As gaulezas entrelaçavam o cabelo com fios de perolas. As filhas de Carlos Magno, juntamente com a corôa, usavam as redes de ouro e pedras preciosas em tal profusão, que os cabelos quasi desapareciam.

No seculo XII a mulher tem um ar de abbadesa, usando o toucado das religiosas. O *hennin* e a coifa, fazem as delicias da Eda.



1—Os penteados contemporaneos. As ultimas creações



da moda: penteado Chantecler e penteado Tanagra.

as sacerdotisas coroavam se de verbenas, a planta sagrada, symbolo da pureza, emquanto que as egypcias se enfeitavam com a flôr do lotus e com cabeças de passaros que prendiam com ganchos de marfim. Cleopatra, sobre os cabelos entrançados, usava o *pschent*, corôa vermelha com uns paus de carneiro rodeando a lua, e o *ureus*, a vibora real attributo dos Pharaós. Na Grecia, a maior parte das mulheres traziam o *anadema*, a *anadesnia* e o *sphen-done*, que Homero colloca na cabeça da loura Venus.

Sobre os cabelos negros de Juno ou dourados de Ceres, fluctua o mesmo véu. Diana tem o seu rutilo crescente e Minerva o pesado capacete com uma coruja no alto. As romanas teem as *ariculae*, ganchos feitos de myrto e de oliveira, a rede e os *corymbos*.

Em Byzancio havia o diadema em forma de tiara, trabalhado e constellado de gemmas.

Os francos cingiam um diadema estreito que pren-

de-Média. A's capellas e corôas de flôres naturaes succedem as flôres de ouro, as bandas bordadas, a coifa e o uso dos cabelos entrelaçados com fios de perolas e fitas e galões.

Margarida de Navarra e Diana de Poitiers usam as coifas e perolas. O *pendentif* caído sobre a testa é usado pela Ferionnière para occultar uma cicatriz.

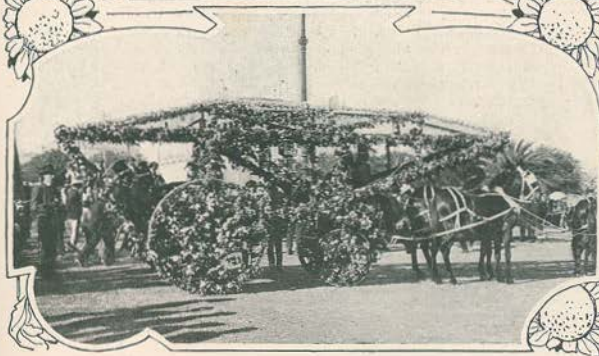
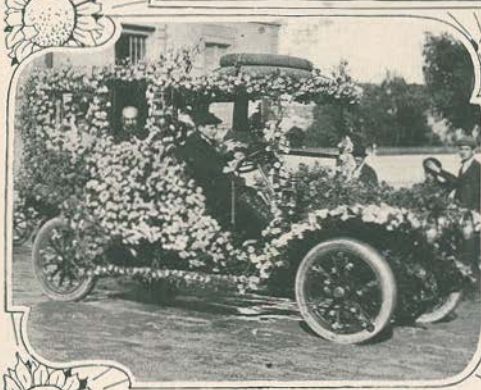
A cabeça de Gabriella d'Estrées desaparece sob uma chuva de perolas, e o diadema de Maria de Medicis é d'um preço fabuloso.

A duqueza de Fontanges constella o penteado de pregos de brilhantes, de molhos de fitas, de borboletas e de abelhas de ouro. E a duqueza de Chartres espanta Genova com os seus pennachos fabulosamente caros. A princeza de Lamballe, prefere as flôres. A imperatriz Josephina cobre o cabelo de pedras preciosas e a côrte da imperatriz Eugénia, a par dos ricos diademas, não desdenha as grinaldas de flôres postas de parte nos tempos actuaes.

CACILDA DE CASTRO.



2—Uma cabeça tragicamente despenteada: A cabeça de Luis XVI



1—Um aspecto da rotunda da Avenida durante a batalha das flores



2—O sr. Macieira e alguns dos discípulos do sr. Gagliardi



3—O automóvel do sr. José Maria Marques ornamentado com cravos brancos e vermelhos que ganhou o 1.º premio (bomboniere da casa Mousinho)



4—O carro dos bombeiros municipais que tomou parte no certamen: escada Magirus do quartel da Esperança, toda enfeitada com flores campestres, 1.º premio (açafrão de prata de El-Rei D. Manuel)



1—A carruagem
Jo sr. Candido Sotto
Maior. 2.º premio para
carro de parella,
(busto artistico
oferecido pelo sr. Julio
Gomes Ferreira & C.º)



2—Um grupo
de campinos que abria
o cortejo



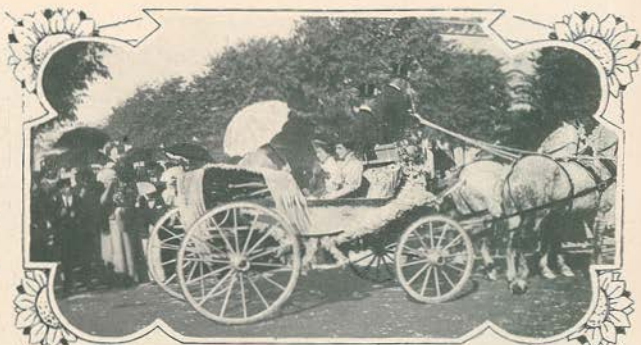
3—O automovel
do sr. Castello Branco,
ornamentado
com colchas e flores
naturaes, que ganhou
o 2.º premio,
(jarro artistico da ourivesa-
ria Abreu)

1—Carruagem de madame Neves,
1.^o premio
de carruagens tiradas
por uma parelha,
(premio do sr. infante D. Afonso,
chavena em ouro e prata)

2—O professor João Gagliardi
com os seus discipulos

3—Carruagem de madame Esther
Pinto Levy,
3.^o premio
(grupo artistico do sr. João Cardoso)

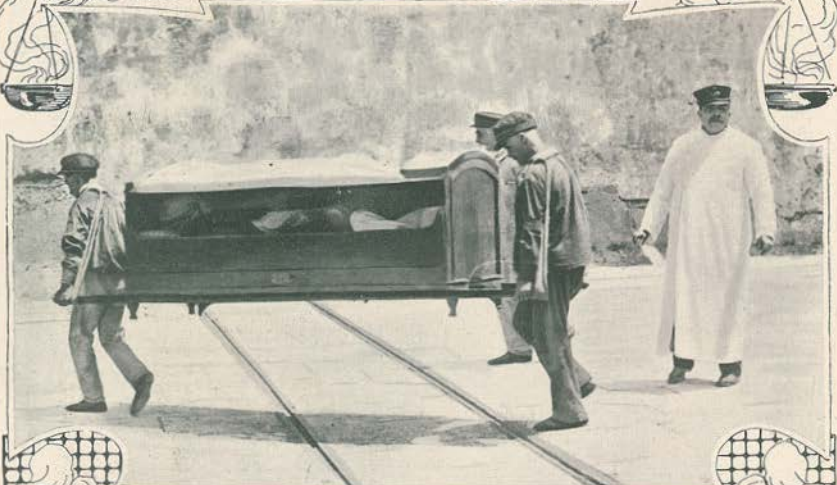
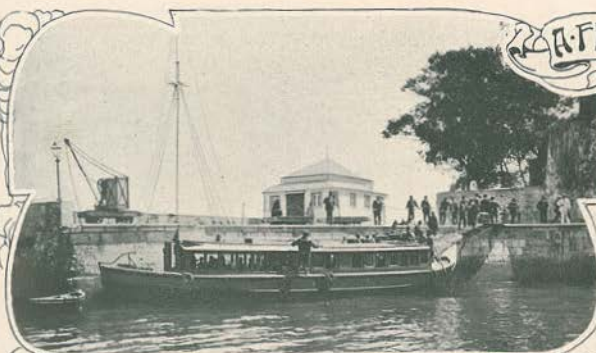
4—Automovel dos bombeiros Herold
(Barreiro)
3.^o premio
(centro em majolica do sr. Ramiro
Pinto & C.^a)



(Clichés de RENOLIEL)

A FEBRE AMARELLA OS DOENTES DO "LANFRANC" NO LAZARETO

O vapor *Lanfranc*, chegou a Lisboa no dia 29 de maio, em viagem de regresso do Brazil, trazendo a bordo doentes de febre amarella.



1—O *Lanfranc* atracado ao caes do posto de desinfecção. 2—O doente mais grave da febre amarella. 3—Um caso de impaludismo. 4—Um grupo de passageiros do *Lanfranc* no isolamento

(Clichés de RENOLIE.)

Rita Sacchetto



UM BELLO RETRATO DA GRANDE ARTISTA



tres. As operas soberbas, os trechos singulares que nos delicia, todas essas gloriosas harmonias que são encantos, Ritta Sachetto com a sua arte cheia de sublimidade nos dá, nos mostra, nas suas vestes apropriadas aos bocados que nas atitudes revela, nos movimentos traduz, no sorriso, na expressão do rosto representa, tão maravilhosamente como a Duncan, transformando, tornando vivas as cousas mysteriosas que os celebres maestros puzeram na grandeza das suas obras.

Figura delicada de mulher, ao dansar transfigura-se, parece crescer, erguer-se n'um ar d'apparição, é uma singular creatura toda de graça e belleza, a rejuvenescer essa arte que depois de ter sido um rito se tornou uma diver-

são, que após o seu tempo de culto, como nas danças Pyrricas e nas Caryatas das virgens da Laconia, se transformou nas sarabandas e gavotas do tempo dos Medicis, e que esta formosa e divina artista que é a Sachetto, de novo fez voltar á sua fôrma superior, espiritualizando-a, dando-lhe por assim dizer levezas de azas, ao som das grandes harmonias universalmente applaudidas e admiradas.

Ritta Sachetto, pela sua arte divina, parece ter ido buscar aos segredos dos antigos gregos a belleza dos gestos, a grandeza das attitudes, alguma cousa da propria essencia d'esses maravilhosos movimentos que encantam e perturbam. A artista espiritualisa a dança; é como uma deusa que em transformações successivas surge sempre nova, sempre diferente, eternamente singular. Imagina-se que ella resae d'uma serie de quadros, que vem d'uma galeria, sendo agora uma mulher dos seculos recuados, a propria Terpsichore apparecendo aos olhos deslumbrados das multidões fanatisadas pelo seu esplendor e pela leveza das suas attitudens; logo uma grega de corpo escultural seguindo com toda a sublimidade d'um culto as danças sacras, toda essa arte que a Grecia dedicava ás suas maiores cerimoniaes; depois uma castellã da idade media, com as suas vestes, com os seus modos, com o seu donaire; para se tornar a mesma incarnação das grandes damas de todos os tempos, com as saias roçagantes das côrtes, desnudada de collo, mas sempre admiravel, a traduzir nos seus passos a musica dos grandes mes-



TIMOR-A IGNORADA

Timor tem cincoenta e dois reinos e trinta idiomas lá se fala; a crença no *nai-maromac*—o ente supremo—é a religião dos natuaes e o culto pelos mortos é uma infinita superstição.

Não ha festa tão demorada como os *acoimales*—as celebrações pelas almas dos que partem, em que chegam de terras distantes parentella e amigos carregados d'offerendas para o fallecido não soffrer privações—dizem os natuaes—na sua viagem de mysterio. Em volta da sua tumba depõem os bufalos fortes, os nédios suínos, os fructos sumarentos e as bebidas agraes, e, sem ali estarem todos os da familia, o cadaver não desce á terra, seja elle d'um rei poderoso ou o d'um misero soldado. Out'ora chegavam a estar os corpos entre os arrosaes ou nas beiras dos rios annos a fio, esperando algum parente retardatario; agora, e por ordem do ex-governador Celestino, acabou o velho habito e só 48 horas são concedidas para esse culto á carne morta. Depois d'esta exaggerada cerimonia, o que mais se festeja são os *bariaques*—os casamentos—a ligação para toda a vida, porque o ti-

morense é monogamo, não por principio, mas porque os consorcios custam caros e só os che-fes pôdem sustentar mais d'uma esposa. Nas ceremonias funebres chora-se em volta do morto, as carpi-deiras derramam lagrimas emquanto os olhos do chefe da familia vão contando os presentes que se gastarão no banquete em honra do fallecido e cujos sobejos são divididos pelos assistentes segundo as suas hierarchias; nos casamentos teem as offertas o principal papel, pois



jâmais uma timorense casou sem que a familia achasse dignas d'ella as offertas que o noivo é obrigado a fornecer. Os consorcios teem ali a maior importancia politica quando feitos entre individuos de reinos diferentes, pois essas uniões—*vassau umas*—são tratadas d'*allianças*.

1—Um soldado de 2.ª linha.

2—Mulher do regulo Sandra, filhos e gente do Ralibá

3—A' esquerda, vestido á europea, o filho que deveria ser rei e que foi condemnado por feiticieiro a 26 annos de degredo para Moçambique

4—Uma belleza indigena



Um soberano restituído ao throno

D. José, o rei de Irilê (Cuzubaba e a sua família) D. Alexandre Mendes, um guerreiro ouado, desapossára do throno a família do actual rei de Irilê, sendo no mesmo tempo um rebelde que provocára a guerra na Coa na qual foi massacrado o capitão Ignacio da Camara (pae do illustre caricaturista Leal da Camara). O coronel Celestino reintegrou no throno a família que elle desapossára. O filho do traidor a Portugal foi educado pelos jesuitas e ainda cobiça a soberania de Irilê

offensiva e defensiva que o governador da colonia deve vigiar, sobretudo entre as familias dos reis, pois em tribus irrequietas que se ligam, isso pôde ser o começo d'uma rebellião. Sempre que um rapaz se agrada d'uma rapariga, começa por lhe enviar uma prenda, a que ella corresponde com outra, até que, ao cabo das negociações, o pretendente vae com a sua familia e com tudo que destina á gente da noiva até á casa que ella habita. A entrada está cerrada por uma esteira, que se corre a fim de serem examinadas as dadivas pela familia da joven. Se acham insufficientes os objectos, fecha-se-lhe a entrada e o enamorado deve ir-bus-

car mais prendas até que a passagem fique livre, mas sem que o rapaz tenha ainda os menores direitos sobre a joven. Concorde-se então que o futuro marido pague uma indemnisação aos paes da escolhida, que, não sendo entregue desde logo, não dá ao noivo direitos alguns sobre a noiva nem sobre a sua descendencia, enquanto não saldar a sua divida para com os sogros. O infeliz que vae pagando em prestações a posse da sua amada, jámais chega a vêr-se livre da voracidade dos sogros, que não lhe tomam em conta aquillo que lhes fôr entregando, obrigando-o a separar-se da familia, continuando sempre em litigios sem fim, o que sem duvida fará o timorense odiar tanto os sogros como na Europa se odeiam... as sogras!

A GUERRA AS MANHAS DOS FEITICEIROS OS «VALENTÕES»

Após a familia o que o timorense mais ama é a guerra, na qual vê uma diversão e a que chama até brincadeira (aluvai). Essa brincadeira, porém, é um espectáculo cruento e estranho. Lançados em lucta uns contra os outros, com gritos e clamores, logo que o inimigo está ferido é considerado posse do vencedor, que desde logo lhe decepta a cabeça e recebe o titulo d'*assuai* (valentão). Em volta do vencedor, porém, juntam-se os da sua tribu e é necessario que o vencedor seja realmente valeroso para se poder defrontar com toda essa gente e no meio do ataque deceptar essa cabeça que é o seu tro-



«A musica de Camaras os musicos reaes d'Okuvá»
Os musicos e dançarinos rodeiam o seu rei, o cunhado do libertario Anthero de Carvalho. As mulheres tocam *babas* (tambores pequenos)
Os dançarinos são os guerreiros vestidos de todas as armas imitando luctas, em saltos e requebros

pheu e lhe dá um título que muitas vezes o leva á realza.

Logo que a cabeça é cortada por um só golpe da afiada espada de combate, então-se o cantico de guerra pelos uivos e pinchos dos partidarios do novo *assuai*.

No meio do campo e em volta d'esses despojos horribéis canta-se o *losum-sae* — a canção guerreira do *sol* que nasce — e depois, reconhecida a identidade do morto, começam a accusal-o dos erros commettidos, das culpas praticadas, atirando pontapés a essa cabeça, onde ás vezes os olhos estão abertos n'um pasmio ou n'uma colera. D'ahi por diante o novo cabo de guerra faz-se acompanhar sempre pelo seu tropheo com o qual tem os maiores cuidados até que fica dissecado, separando sempre do seu alimento para essa cabeça morta e horrível que é a sua gloria. Mais tarde são depositados nas casas sagradas e o chefe do reino é obrigado a ir receber com danças os vencedores, que jámais trabalham, ficam sendo *grandes* e fazem parte dos conselhos de guerra e de todas as reuniões onde se trate da politica do seu reino. Antigamente, quando recolhiam da guerra, iam levar ao governador da colonia as cabeças decepadas, devendo o alto funcionario dar um presente ao *assuai*, uso barbaro a que o penultimo governador pôz termo.

Antes da guerra vem o feiteiro — o *nai-lulic* — depositario da essencia divina, passear-se entre as hostes, vestido na sua tunica branca. Estão formados os homens, armados e promptos para a lucta, e elle vae tomando os pulso aos guerreiros e cuspiendo sobre elles um liquido cor de sangue



formado pelo betel, calcareca que vae mascando. Esse que o liquido toca é invulneravel e marcha valorosamente para a guerra; o que elle não banhar com a *mama* (masca) não parte porqueterm a certeza de morrer e assim muitas vezes o

nai-lulic faz com que se recusem ao combate numerosas forças, lançando o governo em grandes embaraços. Durante o combate o *nai-lulic* vae gesticulando e falando no alto do arraial; as mulheres tocam os seus batusques e elle, senhor de tudo, dominador, jámais se incommoda, porque é sagrado, mesmo se adrega ser morto algum d'aquelles que designou para o combate. Fala então da *sala-boote*, alguma culpa grande, contra a qual não tem poder desde que elle não lh'a confessou.

E' o clero das nossas regiões com todo o seu poder, falando em nome de idolos e dominando a coberto da superstição.

No *pomali* — o templo — estão guardadas com as cabeças dos vencidos as imagens grossas, idolos de diferentes fórmas, como espadas, azagaiaes e ainda pedras onde se acham ligados os mysterios que o feiteiro sabe explorar com a mais ardilosa manha e com o maior proveito proprio.

UM FILHO DE REI CONDENNADO OS CRIMES GRAVES COMO SE PUNE O ADULTERIO COMO SE CASTIGA O ROUBO

Os seus direitos de justiça fundam-se quasi todos na pena de Talião. Os chefes mandam e logo se lhes obedece. Um delicto é pago com outro delicto. Os reis, porém, não tomam conta dos pleitos sem que lhes tenham enviado presentes em harmonia



1—Palacio da Comissão Municipal de Lequica
Ali os edis resolvem sobre os melhoramentos da villa que levam depois á sanção do governador
2—O hospital militar

com a importancia da causa. Chama-se a isto *limpar os olhos e os ouvidos*. E' este o codigo fundamental da sua alta justiça, na qual se encontra semelhanças com outras mais civilisadas. Lavrada a sentença ainda se enviam ao chefe bufalos e cavallos ou objectos que elles apreciem.

O crime mais grave do indigena é a *manguice*, feiticaria que é de pena capital e attinge por vezes toda a familia do culpado, sendo confiscados os seus bens em proveito do accusador. A's vezes uma epidemia assola uma região, uma catastrophe succede em certo meio e logo é accusado alguem de feiticario. Julgado e transportado para deante da justiça, o desgraçado jámais deixou de ser executado. Por vezes são apanhados os executores que em frente dos nossos juizes declaram com orgulho

mulheres de sangue real, paga-se em harmonia com a condição da offendida. Este crime é pouco vulgar, porque a mulher solteira gosa de inteira liberdade e os reinos são tanto mais poderosos quanto maior for a sua população, não perdendo casamento a mulher que tiver sido mãe. D'ahi esses amores livres com mulheres livres que só o consorcio torna escravos do homem, d'ahi o crime d'aquelle genero ser



Como o indigena se distrahe:
O jogo do gallo na explanda da fortaleza de Bancan

Este jogo tem o seu arrematante, que recebe por cada gallo que entra na liça uma rupia mexicana (270 réis)

terem justicado os culpados da sua tribu, sujeitando-se ainda com desvanecimento aos castigos que o nosso codigo lhes impõe.

O roubo tambem é punido com a pena de morte desde que o ladrão seja apanhado em flagrante. A sua cabeça é espetada n'um poste ao lado do roubo commettido. O homicida é condemnado a ser morto, podendo no entanto dar alguem — um escravo — em substituição do morto. O adulterio resolve-se pelo pagamento ao offendido das indemnisações exigidas ao que se chama: *lavar a cara*. Se, porém, se trata da mulher ou filha d'alguem rei, só a morte violenta do culpado pode pagar a injuria. O estupro, não sendo commettido em

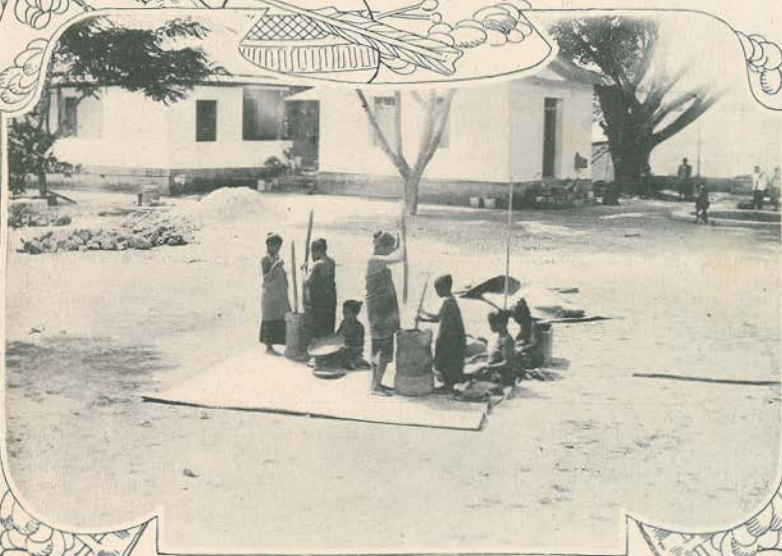
pouco vulgar entre os timorenses. Pelo caso de feiticaria foi condemnado pelas nossas justicas, em harmonia com a sentença dos timorenses, o filho do regulo Samára a 26 annos de degredo em Moçambique. O rei prestára grandes serviços na guerra de Coá em 1896 e salvára a vida ao tenente portuguez José Maria Marques; o filho fôra educado pelos padres catholicos na missão de Lahane, mas nem tudo isso o salvou da pena desde que os seus o condemnaram.

Divertem-se os indigenas, além da guerra, com o jogo do gallo, que é um verdadeiro combate d'estes animais, até que um d'elles fique vencido. Fazem-se apostas sobre os gallos que entram na liça

trazendo, atadas às pernas, aceradas pontas com que rasgam o adversario. Logo que um d'elles cae morto corta-se-lhe uma das pernas, que é offerecida á auctoridade, e é tal a furia latente pelo jogo que o valor de um d'esses gallos de combate já experimentado é de dez patacas ou sejam cinco mil e quatrocentos réis.

E por isso, o indigena educa os animaes para esses singulares combates.

victimas do clima alguns d'esses homens, menos culpados talvez do que arrebatados por uma idéa, n'um periodo de terrores gerados pelos attentados no estrangeiro; outros ficaram vivendo na colonia onde se adaptaram á vida colonial. Um d'elles, Anthero de Carvalho, rapaz devéras intelligente, foi empregado na fazenda, depois em escrivão do juizo, e, por ultimo, entrou definitivamente na repartição fazendaria como 1.º escripturario, estando actualmente em Moçambique. A sua alma revoltada contra os preconceitos sociaes não hesitou perante o amor que lhe inspirou a filha do Okussú, um dos mais poderosos regulos da região, e que fôra educada em Macau com seus irmãos a expensas do bispo D. Antonio de Medeiros. O libertario é pois cunhado do actual rei d'Okussú e do dire-



*O trabalho indigena: Os cavallos do reino
Mulheres pilando o «mêty» (arroz) com cacua.*
Este arroz depois de limpo serve para a alimentação dos presos. O trabalho das mulheres é gratuito segundo o costume timorense, devendo o indigena fornecer ao governo gente para estes trabalhos, a que chamam *cada reino* (cavallo do reino)

OS LIBERTARIOS EM TIMOR. UM LIBERTARIO CASADO COM UMA PRINCEZA. UM INIMIGO DO CAPITAL... RICO. A COLONIA VIZINHA

Os libertarios enviados para Timor pouco depois da publicação da lei de 1896 ficaram n'um bairro á parte, em casas de palapa cobertas de capim, e foram empregados conforme as suas aptidões. O bairro era afastado tres kilometros da cidade e dentro em pouco elles deslocaram-se para a séde do governo. Uns entraram para os telephones, outros para as officinas, um d'elles foi machinista do vapor *Dilly*, alguns olheiros d'obras publicas. Falleceram

ctor dos correios de Dilly, irmão do soberano poderoso.

Outro libertario, José dos Santos, foi logo de começo para uma casa commercial portugueza, e, como era dedicado e trabalhador, juntou alguns meios e possui hoje em Batugadé duas importantes casas de commercio e varias fazendas. Não quiz aproveitar a amnistia que lhe foi concedida, e, tendo constituído familia, gosa hoje das vantagens do capital que para ali o arremessára ao revoltar-se contra as desigualdades sociaes.

Arnaldo Augusto preferiu tambem continuar em Timor a voltar ao reino. E' empregado publico. Tendo começado como

olheiro das obras publicas é hoje fiel e apontador de 1.ª classe.

Gilberto dos Santos era tambem um dos deportados, deveras activo e intelligente, e, sendo em Timor olheiro das plantações do Estado, deixou o serviço para abrir uma loja de barbeiro onde fez bons lucros. Entrou a fabricar sodas e gazosas e por fim vivia já desafogadamente, quando foi victima de uma pernicioso, deixando um espolio de alguns contos de réis.

Antonio Nogueira, bom fundidor, serralheiro e torneiro, foi empregado nas officinas, das quaes dentro em pouco se tornou chefe, ganhando 45.000 réis por mez. Era um operario habilissimo e bem comportado que deixou a colonia ao ser amnistiado e recolheu ao reino, para junto dos seus, saudoso da patria e da familia.

Só um dos deportados não se adaptou á vida da colonia, mantendo as suas idéas através de tudo e proclamando-as sempre, mesmo em face da vida calma dos companheiros. E' esse, no fundo, o revolucionario nato e inadaptavel, o unico que não modificou os arrebatados movimentos por uma questão de temperamento. Nos outros, o ideal por que soffreram pôde ainda existir nos seus cerebros, mas sem duvida mais conformado com as necessidades da vida social. Ha annos, foi enviado um delegado hollandez a Timor a fim de se orientar na fôrma porque se domava o indigena e por que se fazia florescer a colonia. E o seu espanto foi enorme ao vêr as casas



Os jogadores do gallo
Esperando a abertura do jogo em Rancan

O jogo do gallo faz-se nos varios commandos.
E arrematado
pelos negociantes que fazem esse jogo
em vespasas de mercado
para attrahirem os indigenas

brancas das villas de Sipello, Liquiçá e Mambara, os encanamentos das aguas, o hospital de Lahane, os municipios, os quartéis, as plantações dos cafeeiros e do cacau, todas as antigas brigas desaparecidas, os indigenas submettidos, os reis avassallados, quando na parte hollandeza da ilha as revoltas são frequentes, tornando-a terrivel, emquanto prospera a nossa Timor, a terra até aqui quasi ignorada e de cujas syllabas transpostas se fez a palavra *Morti* com a sua resonancia arrepiante do final do homem, do mysterio, da agonia...



Os officiaes do esquadrao de Balibó
Ao centro, sentado, o tenente Carlos Augusto de Oliveira. De pé os seus officiaes indigenas. A cavallaria de Balibó presta muitos serviços na fronteira onde reprime o roubo. O esquadrao esteve para ser transferido ultimamente sendo impossivel fazel-o em virtude de fiscalisar o contrabando na nossa possessão

NO HIPPODROMO A REVISTA DE CAVALLARIA



El-rei, levando a seu lado o infante D. Carlos de Hespanha e o sr. ministro da guerra, passou revista em 25 de maio, no hippodromo de Belem, á brigada de cavallaria constituída pelos regimentos de lanceiros, cavallaria 4 e bateria montada de Queluz. Executaram-se varios exercicios em frente do soberano, do infante de Hespanha e de grande numero de pessoas atrahidas ao local pelo bello espectáculo. Os regimentos de cavallaria fizeram cargas soberbas, d'um lindo effeito e d'uma rigorosa tactica e a artilharia manobrou com essa pres-

teza que Guilherme II tanto gabou na sua viagem a Portugal. Entre nuvens de poeira os esquadões galopavam, as bandeiras esvoaçavam, os soldados firmes nas sellas, os officiaes soltando as suas vozes de commando, passaram depois em continencia deante do soberano que estava acompanhado por um luzido estado maior composto por muitos officiaes de divisão.

O infante D. Carlos retirou-se entusiasmado com as excellentes manobras da cavallaria e artilharia portuguezas.



1—A cavallaria a galope
2—El-Rei, o infante D. Carlos e o ministro da guerra



1—El-Rei com o sr. Infante D. Carlos de Bourbon passando revista a lanceiros 2
2—Cavallaria 4 desfilando deante de El-Rei, do Infante D. Carlos de Bourbon, do ministro da guerra, e do general da divisão

(Clichés de RENOLIEL)